

Brasil ainda não sabe quanto paga de juro este ano

Teodomiro Braga

BRASÍLIA — Mesmo com o anúncio de mudanças radicais na postura americana, o Brasil vive um cotidiano de total incerteza no seu quadro externo. Passados dois meses e meio do ano, o Brasil ainda não sabe exatamente quanto terá que remeter aos credores, oficiais e privados, para pagar os juros de uma dívida que, agora, até o governo americano considera passível de redução. Na semana passada, o assessor internacional da Fazenda, Sérgio Amaral, disse que a conta poderia chegar a US\$ 16 bilhões. No Centro de Estudos Monetários da Fundação Getúlio Vargas teme-se que ela supere os US\$ 17,7 bilhões remetidos no ano passado, uma fatia de 5% do Produto Interno Bruto. E isso porque não se sabe quanto entrará de refinanciamento dos bancos, nem, afinal de contas, quanto se terá de dinheiro do Banco Mundial.

Os US\$ 600 milhões que os bancos credores deverão liberar nas próximas semanas darão somente para ajudar a pagar os compromissos de março, quando os juros da dívida só com os bancos

chegam a US\$ 500. O aspecto mais dramático do atraso nos desembolsos de recursos externos para o país é que as dificuldades ocorrem justamente quando o Brasil tem pela frente as mais pesadas remessas a fazer para o exterior desde 1986, aponta o economista Arno Meyer, da Fundação Getúlio Vargas. Só a elevação de quase 1,6 ponto percentual **libor** desde a assinatura do acordo com os credores, em setembro passado, aumentou as despesas com juros este ano em mais de US\$ 1 bilhão, anulando os US\$ 400 milhões de economia anual propiciada pela redução no **spread** (taxa de risco) obtida no acordo.

Remessa — A remessa de lucros e dividendos também deverá registrar crescimento substancial em 1989, prevendo-se que ultrapasse em US\$ 160 milhões o recorde de US\$ 1.530 milhões verificado no ano passado. Para tornar as coisas ainda mais amargas, o Brasil terá de fazer pesados pagamento de amortizações que vencem nesse ano de dívidas com o Banco Mundial, o FMI, o Banco Interamericano de Desenvolvimento, num total de US\$ 5 bilhões. Foi essa alta conta que irritou o presidente Sarney no

mês passado, levando-o a denunciar que o Brasil está pagando mais ao Banco Mundial do que a instituição vem emprestando ao país.

Em setembro do ano passado, quando o ministro Mailson da Nóbrega assinou o acordo de renegociação da dívida com os bancos credores, a **libor** era de 8,71%. Taxa básica de Londres, é a **libor** que determina os juros de quase US\$ 80 bilhões da dívida externa brasileira tomados a taxas flutuantes. Em progressiva ascensão nos últimos seis meses, a **libor** atingiu 10,5% na semana passada, obrigando o governo a rever sua previsão inicial de gasto de US\$ 10,1 bilhão com a cobertura de juros nesse ano. Calcula-se agora que a despesa com juros deverá ficar em pelo menos US\$ 10,6 bilhões em 1989, contra US\$ 9,9 bilhões no ano passado e US\$ 8,8 bilhões em 1987.

Em contraste com esse crescimento nas despesas com o exterior, até agora o Brasil praticamente nada recebeu da comunidade financeira internacional em 1989. Somente no final de março ou início de abril é que os bancos credores deverão fazer o pagamento da segunda

parcela de US\$ 600 milhões de seu empréstimo ao país, que pelo acordo de setembro passado deveria ter sido liberada no final de 1988. Essa liberação ainda não está inteiramente garantida pois depende da maioria dos bancos concordar com a proposta do seu comitê de negociação de desvincular o empréstimo do co-financiamento de US\$ 500 milhões do Banco Mundial para o setor elétrico.

Bird — Os problemas do país com o Banco Mundial foram discutidos na semana passada com uma missão enviada pela instituição a Brasília, chefiada pelo próprio chefe do departamento de Brasil do banco, Armeane Choksi. O envio da missão foi resultado direto das fortes queixas do presidente Sarney em relação ao fluxo negativo do Brasil com o Bird. A vinda da delegação em nada contribuiu para solucionar o impasse em relação ao empréstimo de US\$ 500 milhões para o setor elétrico, cuja liberação foi suspensa por causa do temor do banco de que parte dos recursos fossem desviados para obras da usina nuclear Angra II. Em seus encontros no Ministério do

Planejamento, entretanto, os representantes do Bird prometeram emprestar ao Brasil US\$ 1 bilhão além dos US\$ 700 milhões previstos no programa original do banco para este ano.

O anúncio do Banco Mundial de que finalmente se dispõe a aumentar seus financiamentos ao Brasil é uma notícia alentadora, mas não soluciona as dificuldades imediatas do país em relação aos pagamentos da dívida externa, até porque o Banco tem uma burocracia lenta e rituais morosos de liberação. Não dá para esperar a solução da dívida anunciada pelos países industrializados.

Diante desse impasse a única alternativa talvez seja impor ao país o custo de gerar novo mega-saldo comercial para ficar em dia. Mas foi exatamente por reconhecer os efeitos perniciosos de um saldo exagerado, que o governo decidiu que este ano o superavit seria 4 bilhões a menos do que o do ano passado. Mas agora se vê diante de duas alternativas: ou atraso o pagamento aos credores, ou dá novo impulso ao saldo comercial.

A opinião dos presidenciais



Ulysses



Collor



Brizola



Collor